**A “REVOLTA” DAS MULHERES NA IGREJA**

Não sei quantas mulheres acompanhavam Jesus na comitiva dos seus amigos seguidores. Para além dos doze, sabe-se que onze eram casados, por isso seria muito natural que fossem pelo menos “acompanhantes”, como agora é hábito dizer. Elas formavam uma armadura mais “dura”, porque mais resiliente e compreensiva de qual era a missão do Mestre. Os quadros que os evangelhos e outros escritos nos apresentam colocam as mulheres em “pontos-chave”, e nem sequer teremos qualquer certeza de que não estariam na última ceia. Mas seria provável que estariam, e fariam todas as tarefas necessárias a uma ceia, tanto mais a “última”, onde a Eucaristia é o cume. O caminho de Jesus e a sua personalidade voltada para os últimos da sociedade, não iria esquecer aquelas que nem sequer contavam como os homens, vejam-se as transformações dos pães e dos peixes. Os últimos da sociedade de Jesus seriam aqueles que não tinham lugar, nem vez e nem voz. Os doze ainda falavam, podiam fazê-lo, mas as que acompanharam Jesus até ao Calvário, não tinham “vontade” determinada pela sociedade de então, teriam que “ficar caladas” e esperar que os homens dessem a sua autorização, para tudo. Eram, assim, seres subjugados a favor dos quereres da cultura da época. Uma das caraterísticas onde tal é significativo, era o chamado “adultério”. Se este fosse praticado por um homem não haveria nenhuma questão, se fosse uma mulher era “apedrejada”.

Com Jesus é dada a “volta” a toda esta cultura, Jesus coloca os seres humanos em iguais paradigmas, não foge das mulheres e até comete uma “falha grave” ao falar com a samaritana em público e sua inimiga. Jesus introduz o relacionamento com as mulheres de uma forma subversiva para a época, acolhe-as e acolhe-se nas suas casas. O episódio de Maria e Marta não deixa de ser um epicentro de todo o ensinamento de Jesus. O outro da mulher adúltera, a quem não manda apedrejar, é sintomático da mudança radical nas relações entre homens e mulheres. Jesus faz da mulher a “Eva” companheira do homem e gerada do seu lado, ou seja, com as mesmas aptidões, conhecimentos, dignidade e “ser humano integral”. Não as afasta, aliás não deixa de ser visível que são as mulheres que o acompanham à cruz e é a elas que Jesus ressuscitado aparece no primeiro momento. Como a dizer que a humanidade é nova, não segue leis restritivas para a mulher, e esta é livre.

Passados tantos séculos é necessário que as mulheres iniciem uma “revolta ativa”, para serem reconhecidas pela Igreja Católica Romana como “seres humanos integrais”. Os movimentos um pouco por todo o lado, como se verifica na Alemanha e na Espanha, são indicadores preciosos para entendermos que Jesus está a atuar no “seio das mulheres” e o seu Espírito não as abandonará, por muitos esforços que a hierarquia religiosa o queira. A hierarquia, a organização da Igreja, não pode sufocar aquelas que Jesus libertou; será crime a continuação da situação de empurrar as mulheres para o silêncio. Mais, como reconhece Francisco, as mulheres são mais utilizadas para serviços tidos como menos nobres, como “criadas de servir”, a quem se comete o pecado de não pagar o salário devido.

A “revolta” que sentem as mulheres é justa, perante a injustiça de lhes retirar qualquer trabalho ativo na Igreja. O atraso na compreensão do que o Senhor da Vida quer para todos os seres humanos – homens ou mulheres -, é irrazoável e contraditório com Jesus, e com a sua inauguração de uma nova aliança. Não poderão servir argumentos de que a mulher é um ser diferente, porque diferente é, mas mais compassivo, mais adstrito à mensagem do Mestre; as mulheres conseguem ter mais (com) paixão naquilo que lhes é entregue, e uma humildade superando o “dar a vida” do homem. Mas não estamos numa pretensa “guerra” entre homens e mulheres, mas sim no admitir conscientemente que ambos os géneros trabalham para a Evangelização da humanidade.

Que dirá o mundo, a humanidade por quem Jesus deu a vida, quando verifica que a Igreja distingue homem e mulher, submetendo esta aos ditames daquele. Não é do Evangelho uma situação destas, nem provém de Jesus, e cada vez vai sendo mais desastroso para o Amor e a Misericórdia de Jesus, não reconhecer aquilo que Ele ensinou. Nisso a última exortação apostólica é uma desilusão e, creio mesmo, para o bispo Francisco. Sem a igualdade total do homem e da mulher não haverá Desenvolvimento Sustentável, nem Desenvolvimento Integral Humano e os Objetivos de Sustentabilidade da ONU serão o vácuo.

**Joaquim Armindo**

**Diácono – Porto – Portugal**

**Professor Doutor, em Ecologia e Saúde Ambiental**